

## O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO DO ATO DE CONFISSÃO NAS FRONTEIRAS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS INSTITUCIONALIZADAS

*Maria Tereza Martins Rezende (UEMS)*  
[mariterezende@hotmail.com](mailto:mariterezende@hotmail.com)  
*Maria Leda Pinto (UEMS)*  
[leda@uems.br](mailto:leda@uems.br)

A linguagem se desenvolve, enquanto instância comunicativa, por dimensões variadas de expressão; expressão esta que irrompe atravessada de subjetividades que constroem sentidos, os quais, ainda que pareçam fixos, estão sujeitos aos deslocamentos e deslizes da interpretação e de suas condições de produção. A noção de discurso se constitui nas relações sujeito/sentido desenvolvidas por meio da linguagem como atividade histórica e social, agenciada por uma necessidade de interpretação intrínseca aos processos de significação constituídos dentro de contextos mais ou menos específicos, que demandam uma mobilização de sentidos mais ou menos controlados. E nessa perspectiva, o presente trabalho pretende discorrer sobre as formas em que a palavra se transfigura em discurso, e a maneira como esse discurso significa e interpreta a "vontade de verdade" postulada por Michel Foucault em uma de suas obras a respeito do ato confessional como prática discursiva que atravessa as esferas sociais e constitui relações de legitimidade. Por meio da noção de formação discursiva, reiteradamente observada pelos estudos da análise do discurso dentro do domínio da linguagem, pretende-se explicitar como essa noção de confissão ultrapassa a esfera judiciária e se estabelece no cerne das relações cotidianas sob o signo da representação do real que, todavia, configuram sua natureza institucional. Ao relacionar o compromisso do sujeito que enuncia com uma verdade reconhecida pelo estatuto social, pode-se perceber, por meio deste estudo, que esse ato se constitui em um modo de confissão, que vincula este sujeito em uma rede de relações que atravessam seu discurso e deixam entrever as mesmas amarras institucionais naturalizadas pelos diferentes modos de representação do real que, para além de estabelecer um controle dos sentidos, forja implicitamente uma subjetividade também controlada.